



Estudos Andinos no Brasil: Seminário Multidisciplinar

RESUMOS

Sessão 1 - Quinta-Feira 14 de junho - 9h00

A ferrovia bi oceânica Santos-Arica como instrumento para a integração sul-americana e o ocaso da Teoria do Heartland sul-americano.

Fernando Siliano Reyes

Mestre em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo

A necessidade de uma ligação efetiva, por terra, entre os oceanos Pacífico e Atlântico cruzando o coração da América do Sul sempre foi um anseio de diversos governos e intelectuais sul-americanos desde o século XIX, tanto para favorecer o escoamento e o recebimento de mercadorias pelos dois oceanos, por parte dos países que tem o seu litoral voltado seja para o Pacífico, ou seja, para o Atlântico ou mesmo para países sem acesso direto aos oceanos, como o Paraguai e a Bolívia. Porém, apesar de projetos e tratados existentes, esta ligação bi oceânica até hoje não se completou.

Apesar de existirem algumas alternativas para realizar a ligação em pauta, acreditamos que a ligação ferroviária no centro do continente, ligando o porto mais importante da parte oriental da América do Sul, o porto de Santos, a um dos portos mais importantes do lado ocidental da América do Sul, o porto de Arica, poderá trazer melhores possibilidades comerciais, principalmente aos países do Conesul, como também favorecer o comércio exterior dos países mediterrâneos da América do Sul, além de permitir o acesso integrado, de forma mais rápida, com os mercados cruzados, ou seja, os mercados africano e europeu além da costa leste dos Estados Unidos para os países com o litoral voltado para o pacífico e os mercados asiático e da Oceania para os países com o litoral voltado para o Atlântico.

Para tanto, devemos pensar esse processo interligação ferroviária no bojo de uma ação bastante firme de integração regional, onde a Bolívia tem um papel central graças à sua posição geográfica, com a possibilidade de interligar não somente os oceanos Atlântico e Pacífico como também as bacias Amazônica e Platina.



Nesse sentido, cabe refutar a teoria do General Mário Travassos que sustenta a Bolívia como heartland da América do Sul e quem dela se apossar, tomará conta desse subcontinente.

Impacto e Transformações da Governança Eleitoral na Bolívia

Daniella Fernandes Cambaúva

Mestranda do Programa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. A pesquisa está sendo desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Vitor Marchetti, na linha de pesquisa "Estado e Políticas Públicas"

- 1) O objeto de pesquisa: conceito de governança eleitoral. Pretendo iniciar a exposição apresentando o conceito de governança eleitoral, critérios de análise desenvolvidos até o momento e com quais referenciais teóricos estou trabalhando.
- 2) Questões metodológicas: estudo de caso e estabelecimento de novos critérios. Qual metodologia estou utilizando.
- 3) A governança eleitoral na Bolívia. Quais autores se dedicam a pesquisar o tema com foco na Bolívia, quais conclusões chegaram até o momento sobre o impacto da configuração do sistema eleitoral boliviano na democracia daquele país.
- 4) O sistema eleitoral boliviano. As mudanças realizadas no sistema eleitoral boliviano no marco da nova Constituição, quais eram as características do antigo sistema eleitoral e quais são as características do sistema atualmente. Como a pesquisa ainda está em desenvolvimento, é possível que até a data do Seminário a apresentação resumida acima sofra algumas alterações. Tais modificações, porém, devem ser pequenas e não devem alterar substancialmente o conteúdo ou essa estrutura.

Estado Plurinacional de Bolívia: entre camponeses e indígenas, identidade e reivindicações

Caroline Cotta de Mello Freitas

A construção do Estado Plurinacional boliviano tem evidenciado um processo de transformação no modo como os movimentos sociais apresentam reivindicações e constroem identidades; ao enfatizar a oposição entre as identidades camponesa e indígena. Tal oposição tem implicações no que tange a uma revisão do imaginário sobre a identidade nacional. O que se nota é que as demandas políticas passaram a se construir com base em



identidades étnicas, indicando um deslocamento em relação à categoria classe. Tais embates discursivos tem tido fortes impactos no processo de constituição jurídico institucional do Estado Plurinacional e de reordenamento da identidade nacional boliviana em curso. Propomos neste trabalho discutir a ênfase dos discursos nas identidades étnicas e não nas de classe.

Imigração boliviana para São Paulo e cadeia têxtil: exploração e luta por direitos numa metrópole semi-periférica

Ricardo Nóbrega

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - Universidade Federal do Rio de Janeiro

A partir da segunda metade dos anos 1980, desenvolveu-se uma onda de imigração boliviana para São Paulo. Esses imigrantes - frequentemente indocumentados e originários da região andina - se empregaram principalmente em oficinas de costura informais que participam de um setor econômico permeado por redes étnicas. Essas oficinas se integram a uma produção organizada segundo o regime de acumulação flexível descrito por David Harvey, que é caracterizado pela subcontratação, pela produção *just-in-time* e pela combinação de elementos do capitalismo avançado com o patriarcalismo comunitário.

Essas oficinas constituem uma configuração local dos *sweatshops* globais localizados em países periféricos e semi-periféricos, bem como nas periferias internas de países centrais, nesse último caso frequentemente associadas a comunidades imigrantes. Entretanto, em vez do que geralmente ocorre nesses países, as oficinas informais de São Paulo não costumam produzir para exportação, mas principalmente para o mercado local de baixa renda e para as grandes redes varejistas de âmbito nacional, enfrentando a forte competição dos têxteis asiáticos. Acompanhando as inovações da administração contemporânea e buscando-se defender da desafios da competição dos produtos importados, a cadeia têxtil passou a reproduzir localmente as condições que são em parte responsáveis pelos baixos custos das mercadorias asiáticas, processo que muitas vezes ocorre à margem da regulação legal brasileira.

Com base nos dados de uma pesquisa de campo realizada em 2008 bem como em fontes secundárias e na teoria social, relacionaremos essa imigração à



produção local de roupas, acentuando os aspectos formais e informais de sua cadeia de produção e a luta pelo direito de permanecer no Brasil.

60 anos da revolução boliviana de 1952, notas para um balanço historiográfico

Everaldo Andrade
Universidade de Guarulhos

Em abril de 1952 ocorreu uma insurreição popular no país andino com repercussões continentais e profundas modificações na sociedade boliviana. País majoritariamente indígena, marcado por intensa luta social e radicalidade política, durante as primeiras décadas pós 1952 transformações econômicas, culturais e sociais abriram uma nova fase histórica no país. A historiografia porém, pouco refletiu sobre a diversidade de temáticas e repercussões locais provocadas pelo evento de 1952. Posteriormente a historiografia tornar-se-á palco de uma intensa e perene luta ideológica. As transformações recentes no país também são motivação para um novo empenho por um revisionismo histórico de 1952 sob um olhar da nova hegemonia indigenista que parece se configurar. Pretende-se, portanto, examinar brevemente estas questões refletidas na recente historiografia sobre o tema.

Sessão 2 - Quinta-Feira 14 de junho - 14h30min

Máscaras e a objetivação de personagens rituais nos Andes e na Amazônia

Aristóteles Barcelos Neto
University of East Anglia

O objetivo dessa comunicação é discutir, a partir de uma série de rituais de máscaras, novos campos temáticos e teóricos para a comparação entre Andes e Amazônia. Toma-se como ponto de partida a possibilidade de realizar um aproveitamento analítico de uma teoria amazônica sobre a objetivação de personagens rituais, conhecida como cadeia intersemiótica do ritual. Embora originalmente identificada e descrita como uma teoria etnográfica xinguana, a mesma possui abrangência Amazônica com dimensões possivelmente semelhantes às do perspectivismo ameríndio. Tanto a primeira quanto a segunda são vigorosas teorias da transformação,



a primeira incidindo sobre as relações de identidade/alteridade, e a segunda sobre a produção destas na ação ritual. Assim como o perspectivismo, essa teoria seria melhor compreendida se estudada comparativamente. Concebido como uma etnografia visual da experiência religiosa durante a Semana Santa de Huaraz, este filme aborda um grupo de imagens de procissões, conhecidas como soldados judeus e romanos, as quais milagrosamente salvaram a si mesmas da destruição no devastador terremoto de 1970. Considerados santos por seus donos e devotos, estes soldados estão no centro de um diálogo tenso entre as formas populares e ortodoxas do culto católico na região.

Fiesta de San Juan Bautista, Sibayo, Arequipa, Peru: notas etnográficas e etnomusicológicas

Maria Jose Alfaro Freire

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pretende-se fazer uma primeira aproximação à festa de San Juan Bautista registrada no ano de 2008, atentando, em especial, para o lugar que a *huayllacha* (gênero musical regional) ocupa nas suas diferentes etapas. A partir de material (áudio e vídeo) produzido ao longo da etnografia, bem como de material audiovisual comercializado localmente - CDs e DVDs -, pretende-se pensar a *huayllacha* (executada tanto no triomandolina, harpa e guitarra, quanto em naipes de metais) como um gênero - da grande família do *huayno* - que se materializa em diferentes contextos de execução (entre casamentos, festas patronais e bailes) e que aos poucos passa a representar musicalmente o Vale do Colca.

Cultura urbana, cultura andina: novos tensionamentos e novas dinâmicas de identidade na metrópole de Lima, Peru.

Beatriz S. C. Filgueiras
IESP / UERJ

Nesta apresentação, propomos discutir os elementos e os conteúdos da cultura e da identidade andinas presentes no cotidiano, nos discursos e nos imaginários sobre a metrópole de Lima (Peru), particularmente no que tange às disputas e conflitos contemporâneos em torno dos seus sentidos e também de sua memória. Durante a maior parte de sua história "oficial" - ou



seja, aquela que tem como marco a conquista e a fundação espanhola da cidade -, os discursos sobre Lima definiram-se primordialmente a partir da sua oposição e distância em relação ao mundo andino. Em meados do século passado, as migrações internas e a explosão urbana de Lima alimentaram o imaginário do "choque" e da "batalha" cultural no espaço urbano limenho entre dois mundos opostos e irreconciliáveis; e os embates acerca da "desandinização" do país e/ou da "andinização" ou "cholificação" de Lima que, neste processo, haveria se transformado, segundo alguns autores, na "maior cidade andina do Peru". Após décadas de intensas transformações que terminaram por redefinir a "geografia da identidade" peruana, a sociedade limenha vive, neste início do século XXI, um momento de consolidação do seu espaço urbano e de retomada do crescimento econômico, de reabertura democrática e da reconquista dos espaços públicos que favorecem e alimentam novas dinâmicas e novos discursos sobre a cidade e sobre o pertencimento a ela. Deste modo, pretendemos então iluminar e discutir os diferentes tensionamentos do *andino* no *contexto* urbano contemporâneo, destacando os elementos da identidade e da cultura andinas e as diferentes maneiras em que são mobilizados no cotidiano, nos imaginários e nos discursos contemporâneos sobre a identidade limenha.

Ser "yarqay" e ser conformista: algumas noções sobre igualdade e desigualdade em Andamarca (Ayacucho, Peru)

Indira Nahomi Viana Caballero

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do
Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Durante pesquisa etnográfica realizada em Andamarca, "*pueblo*" no sul dos Andes Peruanos cuja população (aproximadamente 3.000 habitantes) é "*quechua-hablante*" bilíngue (falantes de espanhol e quechua), um dado empírico apareceu com certa força: a afirmação recorrente entre os andamarquinos de que "*acá [Andamarca] no te dejan progresar [progredir]*". Ao dizer isso, estão referindo-se, sobretudo, à prosperidade material, algo relacionado ao sucesso no trabalho, nos negócios e ao acúmulo de dinheiro e bens. Nesse "*pueblo campesino*", assim chamado por seus habitantes já que a maioria ainda se dedica à agricultura e pecuária principalmente para "*consumo*", o trabalho aparece como um forte valor. Em tal contexto, os preguiçosos, "*flojos*", chamados de "*qellas*" em quéchua, são muito mal vistos. Ao mesmo tempo, a afirmação com tom de crítica por parte de alguns



de que *"la gente acá es conforme con lo que tiene"*, *"no quieren mejorar"*, também chamaram atenção. Portanto, aparecem duas ideias em oposição: ser um *"yargay"*, palavra quéchua que significa "fome", "desejo", "apetite", "esfomeado", e que corriqueiramente é utilizada pelo andamarquinos como sinônimo de "ambicioso". Quando utilizada nesse sentido, tal palavra expressa uma conotação negativa, sendo interpretada como um "insulto". E ser conformista, ideia expressa através da frase *"la gente acá no quiere mejorar"*. O objetivo deste trabalho é mostrar como essas duas ideias nos conduzem a noções mais amplas, como as concepções que os andamarquinos têm sobre igualdade e desigualdade entre eles.

Indira Nahomi Viana Caballero (PPGAS - UFRJ)

Identidades político-culturais de cronistas indígenas no vice-reino do Peru

Alexandre C. Varella

História - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

A discussão sobre as identidades de sujeitos "ladinos" na região andina entre os séculos XVI e XVII, particularmente pela leitura de manuscritos como de Guaman Poma de Ayala e de Santa Cruz Pachacuti Yamqui, compreende um debate complexo que remete ao assunto das estruturas mentais e de heranças culturais negadas ou acentuadas, bem como leva ao tema das apropriações do cristianismo e da justiça espanhola para uma afirmação social de cunho nativista. Mas também essas construções identitárias expressam tensões culturais e disputas políticas no interior de uma sociedade preponderantemente nativa do vice-reino do Peru. Tais meandros inibem leituras sobre o "índio" colonial como categoria bem definida ou de fácil apreensão nos estudos histórico-antropológicos.

Tribunais do Santo Ofício e da extirpação de idolatrias no vice-reinado do Peru

Ana Raquel Portugal

Universidade Estadual Paulista - Franca

Existem diversas pesquisas relativas à ação do Santo Ofício na América espanhola e também à instituição criada exclusivamente para eliminar as idolatrias indígenas, a Extirpação de Idolatrias. Sendo dois tribunais com práticas distintas pretendemos analisar as similitudes e diferenças dessas



duas importantes instituições criadas pela Igreja para manter a ordem dentro dos padrões da cristandade. Cada uma com seus objetivos, mas que juntas tentaram normatizar a conduta religiosa da população do vice-reinado do Peru.

Sessão 3 - Sexta-Feira 15 de junho - 9h00

A cosmologia andina no início do período colonial: da topologia à cronologia

Eduardo Natalino dos Santos

Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas - Universidade de São Paulo

Os mais importantes textos empregados para o estudo das concepções cosmológicas andinas pré-hispânicas procedem do início do período colonial. São eles, a *Relación de antigüedades deste reyno del Pirú*, de Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua, a *Nueva corónica y buen gobierno*, de Felipe Guamán Poma de Ayala, e o *Manuscrito de Huarochirí*, de autor ou autores anônimos que trabalharam sob encargo de Francisco de Ávila. Todos esses textos foram produzidos ou recolhidos por membros de elites nativas que mantinham estreitos contatos - marcados por uma subordinação crescente - com instituições eclesiásticas e políticas cristãs. Desse modo, apresentam, inevitavelmente, ideias e concepções cosmológicas relacionadas tanto aos interesses e projetos das elites coloniais andinas - que carregam muitos aspectos do pensamento cristão - quanto às concepções andinas de matriz pré-hispânica, além de ideias e concepções absolutamente novas e próprias deste primeiro século do período colonial. Entre as ideias e concepções cosmológicas presentes nesses textos, a divisão do passado em idades ou eras tem sido objeto de atenção de muitos estudiosos e atribuída, muitas vezes, à continuidade de características do pensamento andino pré-hispânico no mundo colonial. Nesta comunicação, procuraremos mostrar que a divisão do passado em idades que se encontra nesses três manuscritos estaria relacionada, fundamentalmente, a uma tentativa colonial de adaptar o pensamento cosmológico andino pré-hispânico - que teria seus mais importantes fundamentos organizacionais em categorias de índole espacial - ao pensamento cristão do século XVI e princípio do XVII - este, sim, fortemente ancorado em categorias de índole temporal e cronológica para explicar o passado. Também procuraremos refletir sobre os projetos



sociopolíticos que fundamentariam a construção dessa nova cosmologia andino-cristã colonial, fundamentada muito mais em conceitos cronológicos do que topológicos.

Los cuerpos de la cocina. Una mirada a las transformaciones culinarias de los Andes desde la arqueología de Ambato (Catamarca, Noroeste Argentino)

Francisco Pazzarelli

Museo de Antropología - Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba

Frecuentemente, los discursos antropológicos y arqueológicos han considerado a los consumos colectivos de comidas como instancias cruciales de la producción de sociabilidades en distintas regiones de los Andes. Sin embargo, casi con la misma frecuencia, la cocina cotidiana y las transformaciones que en ella operan fueron conceptualizadas en el marco de lógicas utilitaristas que perseguirían un 'aprovechamiento' óptimo de los recursos. Esto es bien diferente de lo que sucede en la antropología sobre Amazonía y tierras bajas, donde las transformaciones culinarias y la manipulación de sustancias en la cocina gozan de un profuso interés. Asumiendo que la divergencia en las miradas se vincula más a la constitución de los linajes antropológicos en una y otra región (lo que se debe, seguramente, a una apropiación diferencial de la herencia lévistraussiana sobre el tema) y no a una supuesta irrelevancia de la cocina para las cosmologías andinas, este trabajo explora las posibilidades de aproximación a la culinaria de los Andes utilizando sobre ella un 'cristal amazónico'.

En este sentido, proponemos una mirada sobre la cultura material vinculada a las transformaciones culinarias que operaban en las cocinas de Ambato (Catamarca, Noroeste Argentino), entre los siglos IX y XI de nuestra era, con la intención de problematizar algunas de las miradas 'andinas' sobre el tema, echando mano de algunas herramientas teórico-conceptuales labradas por la etnología amazonista actual. Una aproximación a los contextos de ejecución de las técnicas culinarias y una evaluación de las trayectorias domésticas de los alimentos permite observar, por ejemplo, que la producción e ingesta de los cuerpos secos, farináceos, granulados y compactos de las comidas secas con base en el maíz poseía una organización espacial y contextual distinta de aquella vinculada a la producción de los cuerpos líquidos, burbujeantes y espumosos de la *chicha*, con base en el



mismo tipo de recurso. Este tipo de registros, que nos hablan de procesos sistemáticos y cotidianos de incorporación, intervención y modificación de las sustancias que ingresan a las cocinas, constituirán la base para nuestro argumento principal: las transformaciones culinarias operan como parte de un proceso que 'especifica' el cuerpo de las comidas, coadyuvando a la producción de nuevas materialidades y alterando, en el mismo proceso, sus capacidades agentivas. Son estos cuerpos culinarios diferenciados los que luego se implican (posibilitándolas) en distintas ingestas y en la definición de sociabilidades particulares (entre agentes humanos y entre agentes humanos y no-humanos). Este argumento no sólo nos permite extraer a la cocina de las lógicas utilitaristas en las que usualmente se la inscribe sino también discutir la posibilidad de analogías entre los modos que se producen los cuerpos de las comidas y los modos en que operan los procesos de especificación y moldeado de los cuerpos recién nacidos, sobre los que discurre la etnología amazonista y algunas miradas andinistas.

Así, considerando a las comidas como cuerpos culinarios especificados en las cocinas y apelando a las particularidades que brinda el registro en Ambato, este trabajo intenta poner en diálogo algunas perspectivas 'amazonistas' y 'andinistas', resaltando la relevancia de las transformaciones culinarias que preceden a aquellas ingestas colectivas consideradas como trascendentales para la definición de lo 'andino'.

O músico na iconografia Mochica

Daniela La Chioma Silvestre Villalva
Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo e Pesquisadora do Centro de Estudos
Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo

Esta comunicação pretende apresentar reflexões sobre o papel social dos músicos, especificamente flautistas, entre os Mochica (Período Intermediário Inicial: 100 a.C - 600 d.C) por meio da análise iconográfica de vasos cerâmicos rituais. Partimos da premissa de que, nos Andes Pré-Colombianos, a hierarquia político-religiosa estava fundamentada na cosmovisão. Portanto, se pretende analisar, conjuntamente, questões sobre a cosmovisão e as estruturas de poder nos Andes Centrais a fim de elucidar as posições específicas que estes indivíduos ocupavam na sociedade.



Xamanismo Transversal e Cosmovisão Andina: Um Estudo Iconográfico sobre as Práticas Xamânicas na Cosmovisão Andina a partir da Cerâmica Ritual Mochica

Débora Leonel Soares

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Esta comunicação propõe apresentar algumas reflexões sobre o xamanismo andino, partindo da análise iconográfica de coleções arqueológicas da cerâmica ritual mochica, cuja produção é atribuída às sociedades que ocuparam a costa norte peruana entre os séculos I e VIII d.C. Como base, serão abordadas teorias antropológicas pautadas no "perspectivismo ameríndio" e no conceito de "agência", na tentativa de discutir as idéias de transformação e movimento, centrais às práticas xamânicas e à cosmovisão andina. Dentro desta proposta, a tentativa é explorar novas possibilidades de estudo das representações simbólicas das práticas rituais mochica pela perspectiva dos estudos sobre o xamanismo - principalmente no tocante à ação de xamãs e sacerdotes. Pretende-se por meio do estudo da representações simbólicas materializadas na iconografia entender o papel "estruturante" e, portanto, organizador do xamanismo, enquanto expressão e resolução (manutenção) do dinamismo e da fluidez entre as diferentes esferas de existência - permeadas por potências naturais e supranaturais - sempre presentes na cosmovisão andina. Sendo assim, pretende-se apresentar algumas idéias centrais que irão nortear este estudo ainda em fase inicial de desenvolvimento.

Cosmografia e espacialização do registro arqueológico no complexo *Huaca Ventarrón*: discutindo fronteiras regionais e territórios simbólicos

Marcia Arcuri

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

A cosmografia é tema recorrente cultura material ameríndia, compondo a iconografia e morfologia dos artefatos, os padrões e desenhos da pintura corporal ou a distribuição espacial do registro arqueológico. Está presente também na expressão do "território simbólico" que vincula o plano terreno às matérias intangíveis (como os corpos celestes) e aos âmbitos extraordinários ou supranaturais. Por esta perspectiva de análise, apresentaremos um estudo da arquitetura ritual e do padrão deposicional



dos registros escavados no sítio arqueológico *Huaca Ventarrón* - Lambayeque, Peru -, analisando evidências de práticas rituais pautadas na compreensão de domínios e territórios distantes, como as águas do Pacífico e a selva amazônica.

Algumas questões sobre cultura material e territorialidade nos Andes Centrais

Milena Acha

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

As sucessivas ocupações nos Andes centrais têm deixado uma grande diversidade de vestígios materiais, é sobre este palimpsesto de ocupações que na atualidade alguns grupos continuam construindo sua noção de território e de identidade.

Os grupos pastores da porção andina do Noroeste Argentino tem uma percepção sobre os vestígios arqueológicos relacionada com o espaço e a mobilidade que lhes é característica. É a partir desta mobilidade que os pastores definem seu território e sua identidade. Desta forma, a cultura material passa a ter um valor ativo nas vidas destes grupos como algo constantemente agenciado, mas também como agenciadora destas práticas e do imaginário das pessoas do lugar.

Assim, tomando a cultura material como ponto de partida para as discussões que se estabelecem entre a memória e as identidades étnicas, este trabalho buscará entender a maneira como se dá a relação entre a cultura material, práticas cotidianas e a conformação do território nesta área específica dos Andes centrais.

Sessão 4 - Sexta-Feira 15 de junho - 14h30min

Rafael Correa e os paradigmas do desenvolvimento

Tadeu Breda

Atualmente, a América Latina vive uma onda de resistência popular contra a execução de grandes projetos de desenvolvimento. Do norte do México ao sul do Chile, movimentos sociais e indígenas se organizam na tentativa de frear o avanço da mineração, exploração petrolífera, agronegócio ou represas sobre regiões ainda intocadas pela indústria do extrativismo primário-exportador. No Equador, não é diferente.



Rafael Correa foi eleito em 2006 com o mandato histórico de reverter os malefícios causados por duas décadas de neoliberalismo. No período em que os governos equatorianos fizeram ouvidos surdos às demandas populares e acataram as recomendações do FMI, quem sofreu foi o Estado. Por consequência, as políticas públicas em educação, saúde, agricultura, indústria, segurança, moradia, energia se enfraqueceram — e o povo empobreceu.

O presidente vem atacando tais problemas. Por isso, tem ganhado o voto da maioria da população, sobretudo nas cidades. Para continuar com seu projeto, porém, o governo precisa de dinheiro: custa caro oferecer escolas, hospitais, estradas para todos os equatorianos. Rafael Correa e sua Revolução Cidadã seguem o famoso bordão escrito pelo viajante alemão Alexander Von Humboldt no século 18 e frisa: não podemos continuar pobres se estamos sentados sobre um saco de ouro.

Entretanto, a coalizão de organizações sociais que começa a orbitar novamente em volta do movimento indígena, como ocorria nos anos 1990, pede uma mudança radical de paradigmas. Todos querem o desenvolvimento do Equador, claro: mas não concordam com os métodos do governo. Avaliam que o extrativismo de hoje é o mesmo que norteia a economia equatoriana desde sempre — e têm a seu lado a verdade histórica de que vender matérias primas para os países ricos pode até ter gerado riqueza, porém jamais trouxe desenvolvimento.

Enquanto as cidades se beneficiam da balança comercial positiva, os povoados da montanha e da floresta, que têm os poços de petróleo e as minas no quintal de casa, veem seus cursos d'água, solo e ar contaminados por uma variedade de metais pesados e elementos tóxicos. Assim, ficam impossibilitados de viver de acordo com seus costumes e tradições — direito assegurado pela Constituição de 2008.

É um desafio formidável, que nem o presidente Rafael Correa nem seus colegas progressistas ao longo da América Latina estão sabendo enfrentar. Eis a controvérsia: os "governos de esquerda" mostraram que existe um caminho alternativo ao neoliberalismo, porém não conseguiram formular uma saída ao sistema que ao longo dos séculos tem sido vertedouro de desigualdades na região.



Os conceitos de Sumak Kawsay e Pachamamma nas relações sociais e políticas do Equador de Rafael Correa: o caso da proposta Yasuni-ITT

Carolina Silva Pedroso

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San
Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP).

Desde que foi incorporado oficialmente pela Constituição de Montecristi em 2008, o conceito de Sumak Kawsay (ou BuenVivir) vem sendo amplamente discutido e repensado no Equador. Ademais do pesopolítico e social que as nacionalidades indígenas possuem, a questão ganhou um viés especial desde a última década do séc. XX por conta das descobertas de grandes reservas de petróleo em áreas de proteção ambiental, carregando consigo também uma conotação ambiental. Em meio a tudo isso, desastres ambientais envolvendo grandes empresas petrolíferas estrangeiras contribuíram para o acirramento das discussões. Em 2006, eleito com amplo apoio dos movimentos sociais e indígenas, Rafael Correa empreendeu, dentre outras coisas, uma importante reforma constitucional que resultou em um dos textos que mais avançou em direitos sociais, indígenas e ambientais na região. No entanto, apesar dos avanços constitucionais, o governo passou a sofrer fortes críticas da CONAIE (Confederação das Nacionalidades Indígenas Equatorianas), forte organização de representação dos indígenas, sobretudo por conta da polêmica da proposta Yasuní-ITT. Como já fora dito, a descoberta de grandes reservas de petróleo em plena floresta Amazônica equatoriana trouxe à tona o debate preservação ambiental VS desenvolvimento. Nesse sentido, Correa apresentou a proposta de manter o petróleo embaixo da terra mediante compromisso financeiro da comunidade internacional em bancar o ônus da não exploração desse recurso natural. Caso o país não conseguisse a soma de dinheiro esperada, o governo exploraria o petróleo da forma "menos danosa possível". Diante desse cenário, a discussão do entendimento dos conceitos de Sumak Kawsay e Pachamamma ajudam a entender as posições dos movimentos indígenas e do próprio governo em relação a temas ambientais na atualidade.

De protagonistas e coadjuvantes: Reflexões sobre os novos discursos democráticos na Bolívia, Equador e Venezuela

Fabricio Pereira da Silva

Universidade Federal da Integração Latino-Americana



A apresentação vai analisar concepções democráticas expressadas nos processos de refundação levados adiante na Venezuela, Bolívia e Equador, a partir dos discursos de seus líderes, movimentos e instituições democráticas recentemente concebidas e inauguradas. O trabalho procura primeiramente destacar contradições e transformações temporais em cada caso -apresentando também novas instituições democráticas participativas desenhadas naqueles países a partir das referidas concepções. No final, apresenta sugestões para a realização de uma comparação entre os casos.

Conceitos Viajantes: o Ayllu e o Viver Bem, da Comunidade à Etnohistória e ao Estado

Salvador Schavelzon
Universidade Federal de São Paulo

Nesta apresentação procurarei entender diferentes movimentos de conceitualização que dizem respeito às instituições andinas. Focalizarei no trabalho de alguns antropólogos e etnohistoriadores, e na chegada da temática indígena ao Estado no momento da Assembleia Constituinte e da gestão do Evo Morales no Governo boliviano. Sugiro uma conexão entre esses movimentos, mas me ocuparei principalmente de tentar entender se essa objetivação ou tentativa de nomeação de práticas e conceitos andinos como ayllu, reciprocidade e "Viver Bem" são do mesmo caráter. Para isso revisaremos fragmentos do trabalho acadêmico iniciado na década de 80 por alguns pesquisadores; o trabalho de ONGs e intelectuais urbanos com comunidades do Altiplano nos processos de reconstituição territorial, na década de 90; e as discussões da recente Assembleia Constituinte, a partir de informação etnográfica. O estudo das rebeliões andinas ou das formas de vida na comunidade tem conexão direta com os caminhos das organizações de camponeses e indígenas nos últimos anos, e também com a proposta de Estado Plurinacional. São esses diálogos e contatos que buscaremos colocar no centro da nossa indagação, o que certamente nos defrontará com o assunto da relação dos povos indígenas com as discussões que dizem respeito a eles.

Contrabandeando Perspectivas Etnológicas. Um olhar amazônico sobre os Andes?

Ricardo Cavalcanti-Schiel



CEMA-USP
Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos
da Universidade de São Paulo



CEstA
Centro de Estudos Ameríndios

O *Handbook of South American Indians* consolidou, para a etnologia sul-americana dos últimos 60 anos, uma divisão naturalizada entre terras altas e terras baixas do continente, a partir do critério da organização social e do epifenômeno histórico do Estado, lidos pela perspectiva neoevolucionista. Queremos aqui sugerir que, se abandonarmos os primados desse modelo, encontraremos mais contiguidades na organização dos fenômenos cosmológicos entre Andes e Amazônia do que exatamente diferenças irreduzíveis, que definam esses dois domínios como "áreas culturais" singularizadas. Ao confrontarmos a "economia simbólica da diferença" amazônica com a economia simbólica andina da inclusividade, movida pela linguagem geral da reciprocidade, encontramos em ambos os casos uma "ecologia do pensamento" comum, que reconhece o lugar de sujeitos, dotados de agentividade social, aos muitos entes envolvidos no jogo da perpetuidade da existência: seres humanos, animais, formações geológicas e minerais, grandes espíritos e os "fantasmas" das pessoas. Podemos falar, como Descola, de um animismo generalizado, ou como Viveiros de Castro, de um multinaturalismo... também para os Andes, que, no entanto, nesse caso agora, desloca um pouco a abrangência das proposições iniciais dessas formulações. Assim, o *perspectivismo* amazônico poderia ser visto como um caso particular de um multinaturalismo ameríndio mais geral, que, no caso dos Andes, mobiliza outros termos para o intercâmbio, sem alterar a lógica das relações.